

# Aprender

€ 4,00 (IVA incluído)

## AO LONGO DA VIDA

# EDUCAÇÃO DE ADULTOS E IMIGRAÇÃO



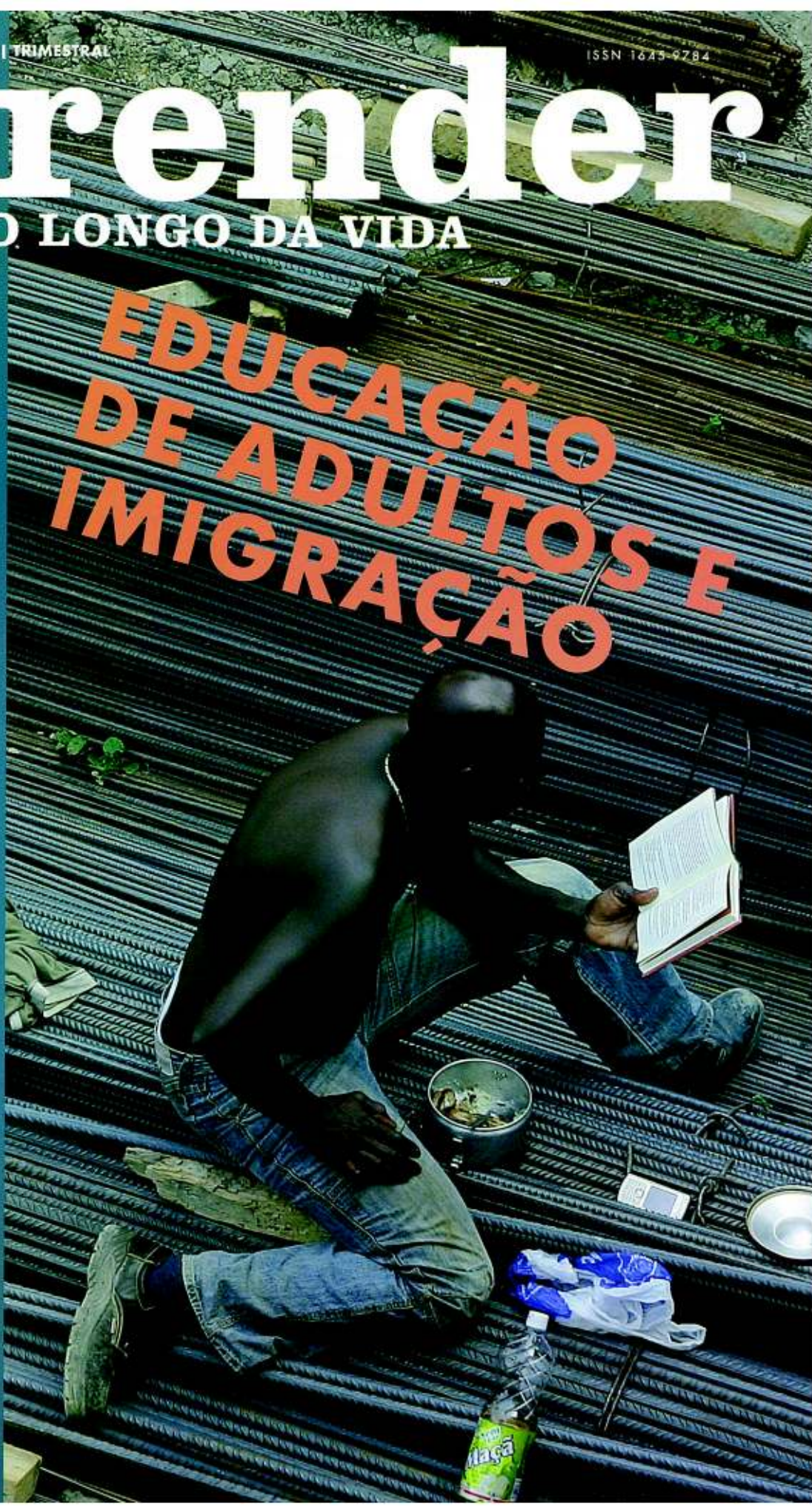
**ENTREVISTA**  
**CLÁUDIO TORRES**  
A HISTÓRIA FAZ PARTE,  
CADA VEZ MAIS, DO FUTURO



**REPORTAGEM**  
**CURSOS EFA**  
QUANDO A EQUIPA  
DETERMINA A DINÂMICA



**REPORTAGEM**  
**SOC. FILARMÓNICA**  
**HUMANITÁRIA**  
SOLFEJAR AOS 70.  
PORQUE NÃO?



516052321121865

00010



Para o arqueólogo Cláudio Torres, prémio Pessoa de 1991, qualquer fenómeno de apropriação de um certo tipo de espaço ou de território passa necessariamente pelo passado, pela forma como esse território, como essa comunidade viveu e foi assumida. Porque os territórios, as comunidades têm um futuro em função do seu passado, em função da sua evolução. "Precisamos cada vez mais de saber como foi, para poder lançar o que vai ser", diz o criador do Campo Arqueológico de Mértola e do primeiro museu islâmico do país, situado naquela vila alentejana.

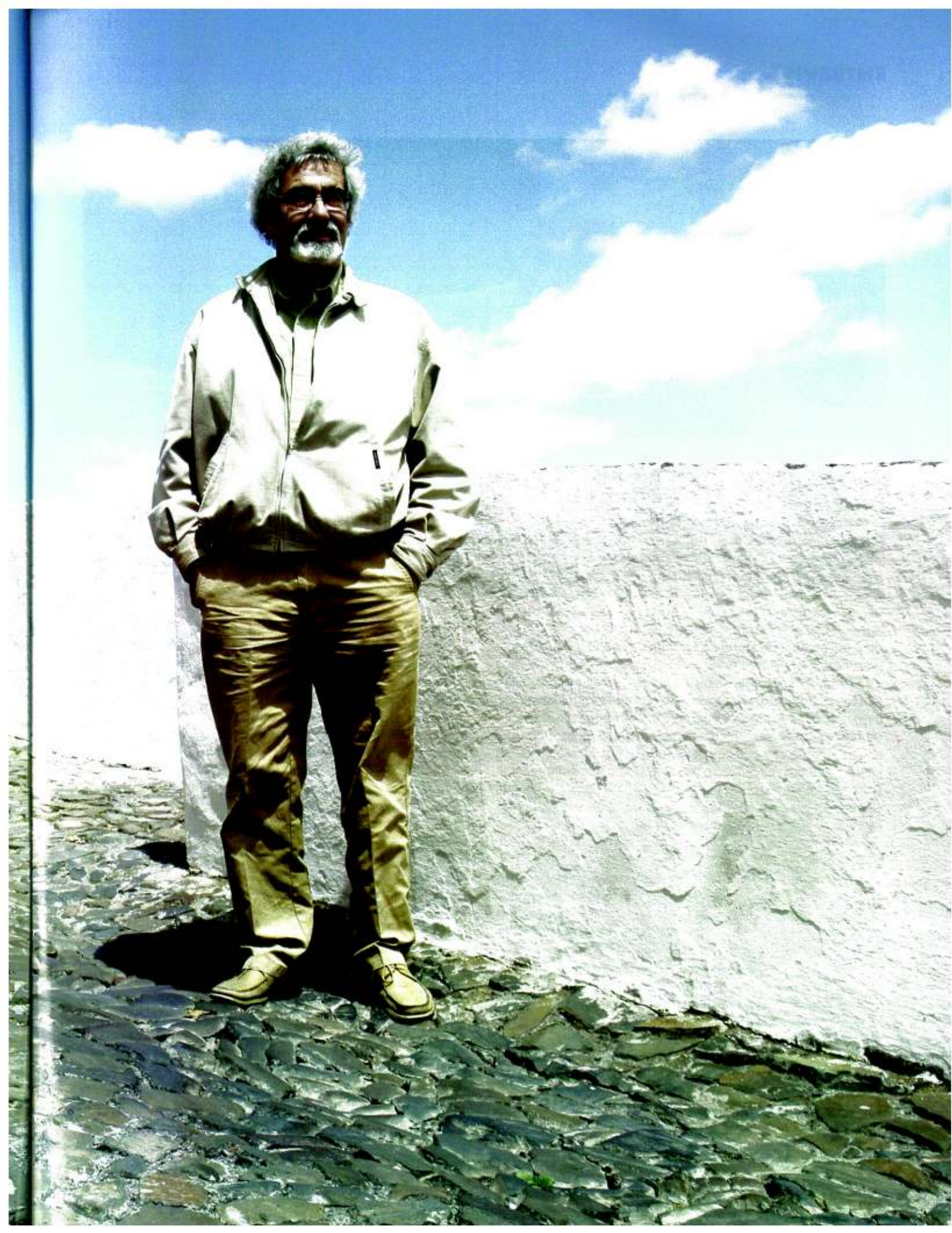
Conhecido pelo trabalho de revalorização do passado islâmico de Portugal, Cláudio Torres fala-nos nesta entrevista à Aprender ao Longo da Vida na importância da história vista na perspectiva dos vencidos, na relação da história com as populações locais e no novo papel da arqueologia, que veio fazer a história do não-escrito.



# CLÁUDIO A HISTÓRIA FAZ PARTE, CADA VEZ MAIS, DO FUTURO TORRES

Entrevista de **Rui Seguro e Luis Leiria** # Fotografias de **Miguel Baltazar**









### **Qual é o papel da história na tomada de conhecimento da nossa sociedade?**

A história é tudo aquilo que é a lógica da vida. A pessoa não tem futuro nem presente se não tem história, se não tem passado, o ontem muito próximo ou o ontem muito afastado. Cada um vai buscar ao seu passado ou ao passado da sua comunidade, ao passado do seu país, qualquer tipo de justificação. Não há história rigorosa, científica, porque os factos são sempre interpretáveis de vários pontos de vista, se há cinco pessoas que vêem ali dois carros a chocar na rua é evidente que há pontos de vista, mesmo se não completamente diferentes e esse é o facto histórico – há sempre divergências sobre o que aconteceu e como aconteceu.

A história serve para justificar, muitas vezes, projectos, acções no terreno, formas como se interpreta um certo território e um certo modo de vida. Portanto, a história é fundamental integrada em vários campos, pode ser na história clássica, saber a sequência dos poderes, dos reis; pode ser uma análise sociológica, ou antropológica de um território, ver as correlações entre vários grupos humanos, com o território entre eles; pode ser uma história política, uma forma de estudar e ver a apropriação do poder ao longo da história e da sequência humana, como é que tal território foi governado; e cada vez mais a história é uma espécie de tentativa de interpretar para o futuro.

Começamos a perceber que os territórios, as comunidades têm um futuro em função do seu passado, em função da sua evolução. Hoje, qualquer fenómeno turístico de desenvolvimento local, qualquer fenómeno de apropriação de um certo tipo de espaço ou de território passa necessariamente pelo passado, pela forma como esse território, como essa comunidade viveu

e foi assumida, e conforme pode encontrar mecanismos de sobrevivência, sabiamente. A história faz parte, cada vez mais, do futuro, ao contrário do que possa parecer. Precisamos cada vez mais de saber como foi, para poder lançar o que vai ser.

### **Mas nos bancos da escola e na sociedade fomos educados por uma história manipuladora, de criação de heróis.**

É normal. A história é feita em função de quem a faz e dos interesses do próprio poder, o regime tem a história que deseja, que aplicou. Em função disso, durante várias dezenas de anos e não só, o nacionalismo foi organizado por um discurso de manutenção do poder. E isso infelizmente, muitas vezes continua. Tenta-se quebrar esse ritmo e abrir a outros aspectos, mas é muito difícil. Até porque toda a formação histórica, formação académica, continua, infelizmente, a reproduzir constantemente esse tipo de historiografia, uma forma de ver o mundo em função de interesses "nacionais", em função do interesse da classe dominante, em função de um discurso de consolidação desse poder.

### **Como se pode contrariar essa tendência?**

A partir das coisas pequeninas – quando se começa a abordar a história como um facto pequeno ligado à terra, ligado ao mundo camponês, ligado a comunidades, ligado aos vencidos, porque a história é sempre feita pelos vencedores. Se começamos a ver a história do lado dos vencidos, cria-se uma situação de não-história, ou de anti-história, ou de anti-poder. E isso é o que está acontecer, muitas vezes numa abordagem diferente em que, ao misturarmos questões de um discurso histórico clássico com uma abordagem sociológica ou antropológica, entramos numa historiografia dos dominados, dos camponeses, do outro mundo



das terras, das pequenas comunidades, do tempo em que não sabiam ler, não sabiam escrever.

A história é feita por quem sabe ler, pensar, escrever. O documento escrito é a forma mais evidente de propagar, de distribuir e continuar a historiografia. Partindo de métodos diferentes, por exemplo levantamentos antropológicos, levantamentos arqueológicos, obtemos uma informação histórica que habitualmente, ao contrário do discurso oficial, dá a informação que vem da não-escrita, vem do pequenino objecto perdido, uma informação que vem, por exemplo, da cozinha, da vida da mulher que não fez nunca parte da história, as princesas faziam, as cozinheiras não. A partir daí começa a haver outro tipo de história, outro tipo de informação. Sabemos hoje, conhecemos como se comia, o que fazia a mulher nas cozinhas, diferente de toda a Idade Média, coisa que era completamente desconhecida. Sabia-se as receitas principescas ou dos conventos, que são coisas completamente diferentes. Começa lentamente a dar-se lugar a outro tipo de historiografia e outro tipo de informação.

**A linha de investigação que o Cláudio Torres, o Borges Coelho, o José Mattoso e de outros tantos historiadores foi uma certa pedrada no charco no estudo da História de Portugal...**

Sem dúvida. O Borges Coelho, que deu as primeiras aulas da vida na prisão, por razões políticas, começou a fazer um tipo de abordagem necessariamente diferente. Ao longo da sua vida de resistente político, começou a ver a história de uma outra maneira.

O Mattoso, o nosso mais conceituado historiador, teve um percurso interessantíssimo, começou pelo mundo monástico, como monge, toda uma análise das vidas aristocráticas, dos senhores feudais e da nobreza, o estudo das castas nobiliárquicas em todo o norte e, pouco e pouco, como pessoa inteligente e honesta, foi escorregando para o Sul, e esse Sul foi fundamental para comunicar a vida encontrando, além dos nobres,

também os outros e, pouco a pouco, todos começaram a entrar na história, entraram outros espaços, outros territórios.

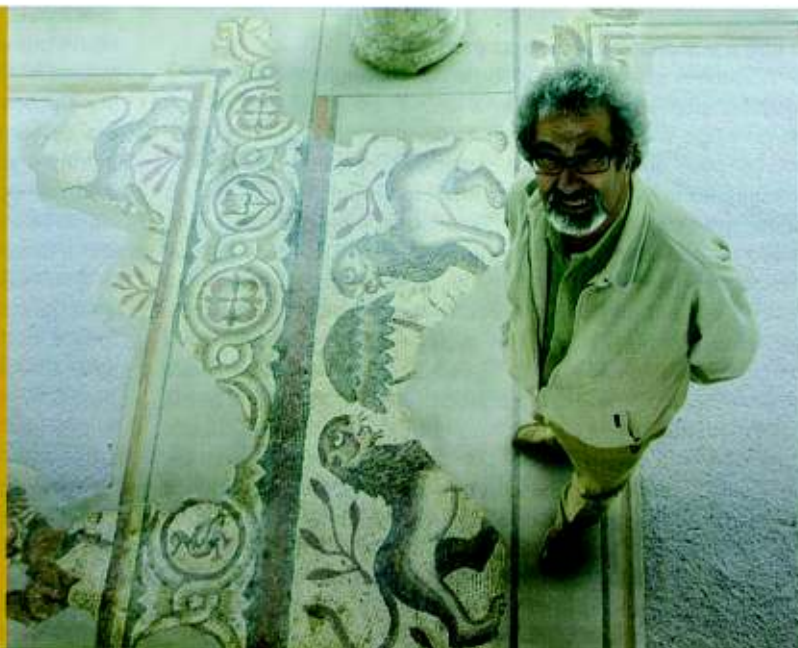
Para o Mattoso foi interessante, nesta evolução, a descoberta do Sul. O Sul que lhe deu os outros, os mouros, os vencidos, foi encontrando aqueles que nunca tinham participado na história, os mouros serviam para ser degolados pelos heróis, para que os heróis pudessem ser heróis. Foi fundamental ir para o outro lado, perceber e encontrar essas comunidades que reuniu no Sul, isso foi um salto fundamental, a partir da identificação de um país, foi uma viragem total na historiografia portuguesa. É a partir daí que se começa a descobrir que Portugal tem muito mais a ver com o Mediterrâneo, com o Sul, e até com o mundo islâmico que à priori se pensava.

Foi uma forte viragem, decisiva, que penetrou profundamente na linguagem académica institucional, universitária, principalmente através das análises da revolução de 1380/85. Foi a grande viragem na abordagem da história: em vez da história feita pelos nobres e pelos senhores, a história feita pelas massas populares, pelos descalços, pelo mundo da rua. Foi o que ele descobriu e que veio introduzir no discurso histórico.

Continua a não haver ainda uma suficiente investigação no mundo mediterrânico, porque a descoberta é que toda a Península Ibérica e todo o Mediterrâneo inclui uma parte importante do nosso país, embora a barreira passe um pouco pelo meio, pela zona serrana, pelo norte atlântico, como já tinha sido claramente definido por Orlando Ribeiro, é uma história que não é só construída pelos conquistadores e pelos homens de armas e pelos senhores da terra, mas construída em função desses espaços geográficos.

A islamização está colada ao Mediterrâneo. Onde acaba o Mediterrâneo também acaba a islamização, porque há um fenómeno cultural mais, muito mais, do que um fenómeno militar, cada vez mais a história é um fenómeno cultural, um fenómeno de um certo tipo de civilização, é evidente que onde

AO MISTURARMOS QUESTÕES DE UM DISCURSO HISTÓRICO CLÁSSICO COM UMA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA OU ANTROPOLÓGICA, ENTRAMOS NUMA HISTORIOGRAFIA DOS DOMINADOS, DOS CAMPONESES, DAS PEQUENAS COMUNIDADES, DO TEMPO EM QUE NÃO SABIAM LER, NÃO SABIAM ESCREVER.





há Mediterrâneo há também islamização, directa ou indirecta. É por isso que hoje encontramos aquela barreira, o norte do granito, o norte húmido, o norte da micro cultura, da pequena propriedade ligado a um certo tipo de civilização, ligado muito mais às Astúrias, muito mais a todo o norte da Península Ibérica. Aquilo que antes se organizava, pensava como um mundo visigótico, outro grande mito – os visigodos foram uma invenção da altura da germanofilia, quando o mundo germânico dominava ideologicamente a Europa. Toda a visigotização da Europa foi necessária para justificar a germanização desta. Todos esses alanos, vândalos e visigodos, tudo isso foi construído também nessa altura, finais do século XIX, princípios do século XX e hoje é contestado.

**Um escritor inglês de viagens que visitou Portugal disse: acho muita piada aos portugueses, sempre a tentar demarcar-se dos espanhóis, mas eu encontro mais semelhanças entre um espanhol do norte e um português do norte e um português do sul e um espanhol do sul...**

O nacionalismo está muito na moda agora, com essa história de Nuno Álvares Pereira, como se houvesse já nessa altura duas nações, não tem nada a ver com Portugal e Espanha, estávamos num período de senhorios feudais.

Se são inimigos ou se são amigos, não tem nada a ver com as fronteiras actuais, havia uma certa divisão de interesses dos senhorios feudais, não havia lutas contra Espanha, havia interesses dinásticos, lutas pelo poder, senhores de um lado e senhores do outro, não podemos esquecer que a batalha de Aljubarrota tinha portugueses dos dois lados, toda a aristocracia portuguesa estava do lado de Espanha. Do lado de Portugal estavam os filhos segundos, que tinham sido deserdados, é um fenómeno completamente diferente, do lado pseudo-português havia alguns portugueses mas a maioria dos soldados era inglesa. Não tem nada a ver com Portugal e Espanha. No romantismo do século XIX é que começa a haver, pela primeira vez, o crescimento das nações como nações, e o tal nacionalismo que é algo que ainda hoje existe.

**O que é a arqueologia para as pessoas?**

A arqueologia começou a surgir como método histórico para justificar, porque em arqueologia encontra-se o que se quer, só se encontra o que se conhece. O discurso escrito, num documento, pode ser relido várias vezes ao longo da história, se o documento se mantém. Daí o haver uma certa coerência no documento escrito: é repetido, é consultado outra vez, é confirmado ou não confirmado, foi mal lido, essa é a leitura normal desse documento. Esse documento também tem meta-leituras, leituras nas entrelinhas, uma coisa mais recente na historiografia. Aquilo que não está lá, mas que se subentende e começa a perceber-se, este documento foi escrito por fulano, quem é que pagava a este fulano? Era o príncipe, era o cronista de fulano, necessariamente ele só fala bem daquele. E começa-se a pôr dúvidas a uma leitura directa. Como ele favorece, vamos tentar ler ou reler ou tentar interpretar ao contrário, ou pelo menos desfavorecendo esse discurso – isto foi a historiografia crítica que começou no século XIX. Era um discurso directo, depois passa ser um discurso crítico sobre aquele documento, mas era sempre a história daqueles que faziam o documento, a história dos escreviam, daqueles que os liam.

A arqueologia começou a servir também inicialmente para constatar, para fazer uma leitura da grande história através da arqueologia. Havia uma documentação, sabia-se que ali tinha havido um palácio, um castelo e ia-se constatar, à procura do dito sítio onde teria havido esse monumento. Começou a haver uma arqueologia de constatação, de encontrar a justificação de algumas das afirmações do documento escrito.

A pouco e pouco começou-se a entrar numa arqueologia diferente, a arqueologia que ia pôr em dúvida definitiva o documento escrito. A pouco e pouco houve uma contradição fundamental, pelo simples facto de que a arqueologia, ao contrário do documento escrito, não pode ser voltada a ler. Alguém escavou, retirou e, ou faz uma interpretação já directa e faz sempre uma interpretação ideológica, ao fazer a leitura daquilo que encontra, interpreta, não pode é repetir. É a mesma coisa que estar a ler um documento e ao acabar de o ler queima-se, cada folha é um livro que se vai queimando folha a folha à medida que se vai escavando, não pode ser repetido. Portanto, passa a dar um poder muito grande ao arqueólogo, a sua interpretação é ou não é aceite, mas ele passa a ser um intérprete definitivo e para sempre, aquilo que ele encontrou, que descreve, que regista, que desenha, que fotografa, que publica, isso vai ser o único, o último documento.

E então surgiu uma coisa nova, muito recente, dos últimos cinquenta anos, a arqueologia começou a ser apropriada pelos indígenas, pelos autóctones, pelos sítios, pelo local, porque, inicialmente, tudo o que aparecia era levado pelo Museu Nacional. Daí os museus nacionais de arqueologia, era uma questão de nacionalismo. O nacionalismo baseou-se também nos grandes museus nacionais, iam saquear o mundo para fazer um museu planetário, era o museu do Iraque, da Jordânia, do Egipto estão nos grandes museus mundiais, em Washington, Londres e em Paris, era o saque completo. Depois passou a ser o museu nacional, os museus em que o nacionalismo se alimentou, ia-se buscar àquele país tudo o que servia para criar identidades nacionais, buscar factos que identificassem.

A pouco e pouco surgiu um movimento de museus regionais locais. É um movimento muito mais recente, nesses sítios houve primeiro uma resistência, houve um protesto, o povo local que se revoltou, o primeiro foi nas capelas, nos anos 50/60. As populações não queriam que se levasse aquele quadro porque era do santinho que fazia milagres, era aquele santinho com quem se identificava, era quem resolvia os problemas e esse local começou a surgir à volta dessa arte sacra, desses elementos definidores de um certo território, porque os outros não podiam, ninguém ia levar um castelo às costas.

Começou a haver um movimento interessante que eu já apanhei no pós 25 de Abril, depois se desenvolveu enormemente, em que as pessoas queriam segurar, ninguém toca no seu castelo, quem quer tocar no castelo tem de consultar as pessoas, tem de perguntar. E começou a haver um certo movimento identificador e serviu, de uma forma muito interessante e inovadora, para criar uma coisa nova no nosso país: o local, o conceito de local e de território ligado primeiro à autarquia, ao município, àquele elemento arcaico, daí também a importância forte do municipalismo do pós 25 de Abril.

**Gostava que falasse sobre Mértola e a arqueologia.**

Mértola era uma vila que não estava no mapa. E a arqueologia,



## A ARQUEOLOGIA, AO CONTRÁRIO DO DOCUMENTO ESCRITO, NÃO PODE SER VOLTADA A LER.

ALGUÉM ESCAVOU, RETIROU E, OU FAZ UMA INTERPRETAÇÃO JÁ DIRECTA – E FAZ SEMPRE UMA INTERPRETAÇÃO IDEOLÓGICA, AO FAZER A LEITURA DAQUILO QUE ENCONTRA, INTERPRETA, NÃO PODE É REPETIR. É O MESMO QUE ESTAR A LER UM DOCUMENTO E AO ACABAR DE O LER QUEIMA-SE.



de certa forma, pô-la no mapa e transformou-a numa vila importante, com imensas visitas.

### **Como é que a população local viu isso? Ela apropriou-se da sua arqueologia?**

Há uma contradição curiosa nesta questão: a arqueologia começou a poder ser feita apenas por especialistas, havia leis, as leis foram crescendo, leis universitárias, leis regionais, que começavam a impor exclusividade do trabalho arqueológico ao arqueólogo, ao técnico superior. Houve uma espécie de afastamento daquilo que já acontecia antes, que era a procura e a investigação arqueológica pelas pessoas da terra, que sempre existiu. A pessoa que ia ao seu castelo, ia lá sempre fazer buracos, à procura dos tesouros, que inicialmente era só o tesouro monetário, o ouro, os vários mitos. Todos os castelos foram esburacados pelos autóctones, pelas pessoas da terra que iam à procura dos tesouros. Desde que uma pessoa sonhasse três vezes com o mesmo sitio, tinha o direito social de ir lá buscar o tesouro.

Esse princípio interessante, do ponto de vista comunitário, e o tesouro não era só moedas, não era só o pote das libras,

era qualquer coisa mais mitificada, muitas vezes não se sabia bem o quê mas era o tesouro que justificava o enriquecimento repentino. E começou a haver esse fenómeno da apropriação desse facto pelos antiquários, por um certo comércio local que começava a comprar principalmente a moeda, o objecto metálico, o objecto histórico, arqueológico, o pequeno elemento arquitectónico e a dar dinheiro.

Nas igrejas aconteceu o mesmo, muitas das pequenas igrejas locais e regionais eram recuperadas pelo pároco vendendo os velhos santos da igreja, foi um hábito muito antigo e muito geral, o santo estava a ficar muito carunchoso, eram santos de madeira, mas eram procurados pelo antiquário, e muitas vezes um simples santo carunchoso servia para recuperar o telhado da igreja. Infelizmente isso aconteceu durante muito tempo e criou um saque semelhante em todo o país, e um comércio de antiguidades que enchia todas as cidades, encheu a Península Ibérica e extravasou para França, milhares de peças de arte sacra foram vendidas, mal vendidas, mas a grande maioria era vendida com a intenção positiva de poder recuperar a igreja.

Começou a criar uma certa revalorização da antiguidade,



## SEMPRE A APRENDER AO LONGO DA VIDA



**A**TÉ IR PARA MÉRTOLA, Cláudio Torres nunca tinha feito arqueologia. Nascido em Tondela, foi lá que começou os estudos mas depois mudou-se para Aveiro “porque chumbei no 5º ano, e achei indecente estar a explorar o meu pai, autonomizei-me e fui para a fábrica de cerâmica Aleluia pintar azulejos”. Daí foi para o Porto para Belas Artes no Porto, mas não acabou o primeiro ano do curso de escultura porque foi preso, em 1958/1959.

Protagonizou então uma atribulada fuga do país, num barco de pesca, que acabou em Marrocos. Lá, para sobreviver, fez esculturas e pinturas, chegando a fazer duas exposições: “paguei o nascimento da minha filha com umas esculturas que lá vendi”. Ainda foi desenhador de urbanismo em Rabat: “Andei a fazer desenhos para arquitectos malucos”.

A Rabat seguiu-se Praga, onde fez uma tentativa de voltar à escola de Belas Artes, mas logo desistiu. “Aquilo era o pior realismo socialista que havia na altura”. De Praga foi para Bucareste, onde trabalhou na rádio, fazia os programas e a locução das emissões para Portugal, para o Brasil e para as colónias, “eram três emissões diárias, o que enchia os dias e as noites”.

Foi em Bucareste que o futuro arqueólogo retomou os estudos. “Consegui entrar numa escola excepcional, de estudos bizantinos, de história de arte. Apanhei toda a velha escola de tradição bizantina, uma belíssima escola”. Foi lá que concluiu o curso de história de arte.

“Depois vim para Paris para fazer o doutoramento, entretanto já tinha havido o Maio de 68, quando saí do PC”. Em Paris Cláudio Torres, para sobreviver, foi técnico de electroencefalografia. “Andava de hospital psiquiátrico em hospital psiquiátrico, à volta de Paris. O drama era que eram três instrumentos pesadíssimos.”

Saía dos hospitais psiquiátricos, e ia para a biblioteca, para o trabalho de doutoramento que não iria terminar. Começou também a fazer mosaico para casas de luxo, “eu fazia o desenho e depois ia montar nas chaminés, nas piscinas, foi a minha última operação, em 73/74”.

Foi com o dinheiro dos mosaicos que pagou o bilhete de avião para Lisboa logo a seguir ao 25 de Abril.

Em 1974 entrou na Faculdade de Letras. “Nunca tinha dado aulas. Só em História entrámos 60 assistentes, havia de tudo, também muito lixo, e foi interessante, foram anos muito criativos.” Foi nessa época que mergulhou no Islão: “desse período, não havia nada, havia um buraco negro. Oito séculos de vazio absoluto, a história só começa com os Afonsos, quando apareciam de espada desembainhada, antes disso era um vazio completo”.

Depois, foi a descoberta de Mértola e a experiência da arqueologia. “Eu tinha feito em Bucareste uma campanha [arqueológica] numa ilha do Danúbio sobre uma fortaleza bizantina do século X, XI, era uma única campanha que tinha feito.” Em Mértola contou com a ajuda do professor José Luís de Matos, “ele tinha alguma experiência, ele tinha estado em Vila Moura, já conhecia um pouco os materiais da época islâmica, já estava interessado.”

começou nos anos 60 a ter uma certa importância, um certo mercado importante em que muitos países, França criou, Espanha criou, polícias especializados em história de arte para poder controlar esse mercado. A nossa polícia só surgiu nos pós 25 de Abril, houve os primeiros grupos que foram fazer história de arte, já polícias, por ter sido criado um corpo especial sobre história de arte.

Esta apropriação do espólio, desta riqueza local, começou a ter muita importância e cada vez maior e a ser controlada pelas próprias populações. Quando vim para cá, foi daqueles acasos: vim com o Presidente da Câmara no pós 25 de Abril, que era meu aluno em Lisboa, para a sua terra, valorizar a sua terra com o seu património. Tentava-se chamar pessoas conhecedoras do património local, da arqueologia, foi numa revalorização que trouxe o 25 de Abril.

Por outro lado, começou também a haver também uma certa preocupação no Alentejo, na altura era a reforma agrária, havia muitas herdades que tinham sido ocupadas, havia o problema de algumas das casas dos senhores antigos que tinham coisas antigas dentro dos seus palácios, houve uma tentativa de controlar, por parte das forças vivas, evitar que houvesse saques nas casas ocupadas, saques de objectos de arte. Tentou-se puxar pessoas que soubessem, que evitassem o saque e a destruição e venda de objectos, nas igrejas, nas capelas, foi fundamental pedir apoio para evitar que acontecessem saques.

Quando começámos a vir havia o que é normal para qualquer povo do interior, as pessoas que vêm de vez e que querem aqui trabalhar são recebidas de braços abertos, nunca ninguém vem para aqui trabalhar, pelo contrário toda a gente vai embora, foi imediatamente toda a simpatia, o abrir das portas, fizemos as primeiras reuniões que foram interessantíssimas, com a Câmara em peso, com toda a gente que queria participar, as primeiras campanhas sempre como festa, sempre bem recebidos, com todo o apoio possível. Mas depois foi-se banalizado, ao princípio as pessoas pensavam: “podia dar-lhes para pior, vieram para aqui para a torreira do Verão a trabalhar em vez de ir para a praia, ou são parvos ou loucos”. Havia uma certa incompreensão inicial.

A pouco e pouco, como abrimos campanhas de Verão, muita gente vinha, muita desta geração, deste jovens ou menos jovens que aqui andam hoje na vila passaram pelo campo arqueológico, e isso foi fundamental não só para o conhecimento mas também para o contacto e para ver um pouco o que andávamos a fazer.

Porque havia um controlo, muita gente ao princípio olhava, “o que está a fazer, para quê, estão aqui a roubar os nossos tesouros, eles eram nossos, estão a levá-los daqui”. Essas dúvidas que começaram a ficar claras, na medida em que logo no ano seguinte começámos a fazer museus, espaços museológicos, a expor, a mostrar o que estávamos a fazer.

Desde o início foi um projecto político, de participar na reforma agrária, dar lógica a um território, dar-lhe riqueza, dar-lhe identificação cultural, foi perfeitamente assumido que era para ficar tudo, não só ficar aqui como rentabilizá-lo, do ponto de vista cultural e sociológico. A pequena aldeiazita com os tais 1500 habitantes sentiu-se identificada completamente com o seu trabalho, na medida em que a pouco e pouco começaram a surgir os resultados através dos museus, porque as coisas só têm lógica se servem para alguma coisa.



Mesmo que não houvesse grandes gastos econômicos, que não havia, muitas vezes eram os homens da Câmara que vinham ajudar a escavar a terra, mas se as coisas começam a ter resultados econômicos, é evidente que a comunidade aceita. E isso foi fundamental não só pela aceitação mas principalmente para a integração, hoje ninguém duvida que o futuro desta terra passa por um certo tipo de arqueologia patrimonial, um patrimônio rústico, um desenvolvimento que passa pelo turismo, sempre se pensou que era esse o futuro.

**As pessoas não sentiam orgulho porque desconheciam essa cultura que estava já muito escavada?**

Essa é a arte do arqueólogo. Tem de se fazer tudo aqui, criar os laboratórios para restaurar, o arqueólogo leva uns cacos sujos que retira da terra e esses cacos são levados para um laboratório. Não aparecem peças inteiras, de prata ou de ouro, nunca apanhámos tal coisa, mas esses cacos todos se forem preparados e se participarem numa operação de charme, que é uma operação fundamental da arqueologia. Aí o arqueólogo

ex-alunos, viemos para cá viver, e são 30 anos de experiência. A chave inicial era o campo arqueológico, era uma espécie de vespeiro de jovens que vinham trabalhar connosco, no próprio acto da escavação, que tinha várias etapas, as lavagens, as marcações... E o restauro começou desde o principio, com jovens a aprender a restaurar, foi todo um sistema que mexeu com muita gente, com jovens que depois da escola começaram a vir oferecer-se. O Jorge Revez, que é o presidente da Associação de Defesa do Património (ADPM) e é candidato à presidência da Câmara, apareceu lá em pequenito, queria trabalhar, era de uma aldeia aqui perto.

O principal desse trabalho era o encontro, o mais interessante foi termos o pólo agregador disso tudo num antigo dispensário, um espaço pequeno, mas razoável com quartos e um pequeno pátio, um sítio de trabalho onde todos dormíamos, onde se comia, era a grande contribuição da autarquia. Havia uma senhora que vinha fazer a comida, nós todos comíamos em conjunto e depois convivíamos, à noite discutia-se o trabalho do dia, discutiam-se os problemas do que era preciso fazer no dia

O ARQUEÓLOGO TEM MUITO PODER, É UMA ESPÉCIE DE DEMIURGO, QUASE UM DEUS, PORQUE AGARRA NUM CACO, LAVA-O, LIMPA-O, METE-O DENTRO DE UMA VITRINA, PÕE UMA LUZINHA ACESA, PÕE DENTRO DE UM ESPAÇO MEIA LUZ, PÕE UMA MÚSICA DE FUNDO E PASSA A SER UMA DIVINDADE.

tem muito poder, uma espécie de demiurgo, quase um deus porque ele agarra num caco, lava-o, limpa-o, mete-o dentro de uma vitrina, põe uma luzinha acesa, põe dentro de um espaço meia luz, põe uma música de fundo e passa a ser uma divindade, um caco sujo e miserável que estava no chão aos pontapés passa a ser um pequeno deus, uma coisa onde não se pode tocar, só não se toca nos deuses. O arqueólogo transforma uma coisa perfeitamente informe numa micro divindade e ainda por cima divindade local, dá-lhe uma força impressionante.

**Num texto seu, li que se apela à participação da população na arqueologia. Como se consegue envolver essa população?**

São várias as experiências, estamos aqui há 30 anos. Inicialmente era um trabalho de férias, estávamos na Faculdade de Letras, aqui só vínhamos nas férias, foi muito pouco, apenas quatro anos. Eu vim para cá, fixei-me aqui com um grupo de

e no dia seguinte, e mais do que tudo isso se discutia o futuro do mundo, foi a parte mais interessante e mais inovadora, onde discutíamos política, as questões de desenvolvimento local, além da parte festiva, de convívio. Foi uma escola fundamental para toda esta geração.

Eram condições difíceis, dormíamos no chão, em cima de umas mantas, era muita gente, ainda hoje o sítio era lugar de peregrinação onde vinham muitos dos nossos antigos colegas mostrar ao filho onde ele tinha sido feito!

À noite os jovens da terra iam para lá também, havia sempre um pouco de música, um bom debate, eram noitadas muito interessantes como encontro e como troca de opiniões e debate de questões fundamentais da terra.

Foi a chamada "fase heróica", depois toda essa gente começou a casar-se e a fazer a sua casa, todos foram ficando por cá, começaram a organizar o seu território, e aquilo passou a ser só o centro de trabalho onde fazemos o restauro das peças.

